Itsvan Bakony

Comunismo Chinês e Judeus Chineses

Libro & Moschetto Fascista Perfetto

Itsvan Bakony

Comunismo Chinês e Judeus Chineses

Libro & Moschetto Fascista Perfetto

Sumário

O COMUNISMO CHINÊS E OS JUDEUS CHINESES.....4
JUDEUS CLANDESTINOS CHINESES; MANDARINS, MAGISTRADOS E MILITARES.....6

O COMUNISMO CHINÊS
E OS JUDEUS CHINESES

O líder israelita Israel Joseph Benjamin II, Jajam [Rabino sábio ou doutor da lei judaica – nota do tradutor] de Israel, após sua visita à China em meados do século passado, afirma em seu relatório sobre o judaísmo clandestino chinês, apresentado aos líderes israelitas ocidentais, que em certa época os judeus chineses se misturaram com a população da raça mongólica por meio de casamentos mistos: **"Durante a guerra entre tártaros e chineses, uma parte deles se mudou para a província de Che-Kiang, vizinha da nossa, e se estabeleceu em Kang Tchou, cidade que pretendo visitar, e a outra parte está em Amoy, na província de Fo-Kien. Também há emigrantes em Pequim e em toda a China".** Após isso, o laborioso Jajam, referindo-se ao que disse uma revista judaica alemã, fala de um grupo de judeus chineses que: **"Apenas um tinha aparência de judeu verdadeiro, mas, exceto pela religião e pela circuncisão, estão completamente convertidos em chineses pelo idioma, vestimenta, costumes e hábitos, também têm nomes chineses... Diz-se que os judeus chegaram à China a partir do noroeste da Índia por volta do século III depois de Cristo; primeiro permaneceram secretamente em Ning-hia, Hantcheou e Pequim, e mais tarde se estabeleceram em Kai-fung-foo".**[1]

Uma perigosa quinta coluna de judeus secretos havia entrado na China, os quais, como resultado de sua total adaptação ao longo dos séculos às características raciais e sociais do povo chinês, estão agora perigosamente confundidos e diluídos na população desse país.

Cabe ressaltar que, embora os israelitas do antigo Império Celeste se considerem entre os mais misturados com a raça indígena, desde o século passado têm mantido o rígido costume de casar-se apenas entre eles, e o

1 Israel Joseph Benjamin II. Jajam de Israel. "Oito Anos na Ásia e África de 1846 a 1855"20. Edições Hannover 1863. Páginas 206-209.

mencionado líder hebreu afirma que conservaram sua fé “com a tenacidade característica que distingue a raça hebraica”.

O historiador dos judeus chineses, Alexandre Wyllie, em seu valioso livro intitulado **Investigations on the Existence of Jews in China, since the Most Ancient Times to These Days**, ressalta que a existência dos judeus estava oculta para a maioria, mas que, no entanto, **“algumas observações acidentais nas viagens de Marco Polo mostram que os judeus eram suficientemente capazes de exercer influência política na China e na Tártaria”**[2]. É natural que um judaísmo clandestino tão secreto como o que funcionou na China durante os últimos oitocentos anos não fosse fácil de identificar para Marco Polo, mas os próprios judeus clandestinos, que conhecem muito bem o problema, podem identificar sua existência melhor do que ninguém, por meio dos relatos de Marco Polo em seus escritos.

2 Alexandre Wyllie. “Investigações sobre a existência dos judeus na China desde os tempos mais remotos até os nossos dias”21. Tradução francesa. Edição de Paris de 1864.

JUDEUS CLANDESTINOS CHINESES; MANDARINS, MAGISTRADOS E MILITARES

O reverendo H. H. Milman (protestante), em sua **História dos Judeus**, escreve sobre os chineses: **“Eram cultos, e alguns deles, segundo as inscrições existentes, foram altamente honrados pela vontade imperial e obtiveram o posto de Mandarins. Uma dessas inscrições —datada de 1515— elogia os judeus por sua integridade e fidelidade na agricultura, no comércio, na magistratura e no exército, e pela adequada observância de suas próprias cerimônias religiosas”**. Este clérigo afirma —depois de dizer que os judeus chineses veneravam o nome de Confúcio e seguiam o costume chinês de venerar religiosamente seus antepassados: **“Em outros aspectos são estritamente judeus... Casam-se apenas entre eles... Também não tentam fazer proselitismo”**[3].

Judeu Chinês

Foto publicada em 1950 pela obra oficial israelita intitulada: Manual Enciclopédico Judaico, do autor israelita Pablo Link, publicado pela Israel Editorial de Buenos Aires. 1950, ano judaico 5710. Página 205. Palavra: JUDEU. Esta imagem é

3 H. H. Milman. “A História dos Judeus”, 3º volume. Edição de Londres 1868. Páginas 166 e 167.

publicada junto a outras de judeus de outros países, sob o título: "Alguns tipos de judeus".

S. M. Perlmann, historiador judeu, em sua História dos Judeus na China, Londres, 1913, fala também da existência de judeus chineses no exército e de mandarins, um dos quais, chamado Chao-Yng Cheng, comandou uma seção do exército e reconstruíu a cidade de Kai-fung-foo. Os historiadores hebreus coincidem em atribuir grandes talentos militares aos judeus chineses, tártaros e mongóis, e isso pode explicar sua infiltração no exército comunista chinês, onde murmuram contra o presidente Mao Tse-tung e defendem uma reconciliação com a União Soviética, aparentemente para alcançar a unidade comunista mundial, mas, na realidade, para transformar a China Popular em um satélite dominado pelos judeus que dirigem a União Soviética.
Os judeus clandestinos infiltrados no Partido Comunista Chinês e nas instituições governamentais e sociais do país trabalham na mesma direção.

Em outro trecho de seu citado livro, o hebreu S. M. Perlmann relata que algumas crianças judeus chineses lhe perguntaram por que os europeus tinham tanto interesse neles, e Perlmann respondeu: **"Porque todos somos da nação e do credo judeus, todos descendemos de Abraão"**, apesar de que em seu livro confessou que: **"O aspecto dos judeus que entrevistei era completamente chinês"**, exceto um jovem de dezessete anos que **"realmente tinha algo do peculiar tipo judeu". "Em sua aparência externa não era possível distingui-los de outros chineses".**

O distinto historiador israelita confessa algo que é bem sabido, mas que vindo de um famoso historiador judeu tem maior valor probatório: que, na maioria dos casos, não é possível distinguir os judeus clandestinos chineses —pelos seus nomes e sobrenomes chineses, seu tipo racial e costumes chineses— de outros chineses. Embora pareçam fazer parte do povo chinês, na realidade pertencem a uma nação e a um povo estrangeiros: à nação judaica. Em outras palavras, representam uma

infiltração da nação israelita e do imperialismo israelita no coração da nação chinesa.

É muito interessante observar outra afirmação deste historiador judeu, em referência àqueles judeus chineses que não ocultavam sua identidade israelita: **“Antes de terminar, devo acrescentar, para ser justo com esta antiga e culta nação chinesa, que os judeus na China nunca tiveram motivos para se queixar de intolerância; nunca estiveram sujeitos a leis excepcionais; nunca foram perseguidos ou desprezados por causa de sua religião. Sempre gozaram dos mesmos direitos que o povo chinês”**[4].

Esta confissão judaica é de suma importância. Os israelitas afirmam que as massacres, perseguições e expulsões de judeus de diferentes países da Europa cristã e do mundo islâmico, como alternativa à sua conversão ao cristianismo ou ao islã, obrigaram os judeus tanto das nações europeias quanto do mundo muçulmano a se converterem falsamente ao islã ou ao cristianismo para escapar da perseguição, dos massacres ou da expulsão e permanecer no país em que viviam. No entanto, se esta fosse a única explicação para essas conversões fingidas e para a decisão dos israelitas clandestinos de ocultar sua identidade judaica, como se explica que, na China —onde o famoso historiador judeu S. M. Perlmann confessa que os israelitas nunca foram perseguidos e nega de bom grado qualquer caso de intolerância— o fenômeno do judaísmo clandestino tenha existido por muitos séculos até os dias de hoje, e que os israelitas ocultem sua identidade para se apresentar como parte do povo chinês?

Este e outros casos semelhantes são a prova de que, embora seja certo que, em muitos casos, os judeus se viram obrigados a se ocultar na clandestinidade para escapar da perseguição, da expulsão ou da morte, na maioria dos casos é evidente que escolheram esse caminho como estratégia política que lhes permitisse infiltrar-se na sociedade do país em que vivem, para monopolizar os cargos de liderança e submeter o país anfitrião ao seu controle.

4 S. M. Perlmann. “A História dos Judeus na China”22. Edição de Londres 1913. Págs. 24 a 37.

Por outro lado, esta realidade foi reconhecida por escritores israelitas autorizados que inclusive admitiram, em gestos de sinceridade incomuns, que o funcionamento clandestino do judaísmo esteve motivado por estratégia política e conveniência pragmática. Desse modo, a *Enciclopedia Judaica Castellana*, em um raro gesto de sinceridade nesses assuntos tão secretos, declara o seguinte: **“Os líderes judeus e escritores como Daniel Israel Bonafou, Miguel Cardoso, José Querido, Mardoqueo Mojiaj e outros defenderam o marranismo (judaísmo clandestino) COMO MÉTODO PARA SOLAPAR OS FUNDAMENTOS DO INIMIGO E COMO MEIO QUE CONTRIBUI PARA FLEXIBILIZAR A LUTA CONTRA ELE”.**

JUDEU CHINÊS

Membro da seita ultra-secreta Tiao-Kiu-Kiaou, espalhada por toda a China. Imagem publicada por volta de meados do século XX pela *Enciclopedia Judía Castellana*, obra oficial judaica de máxima autoridade sobre o judaísmo. Publicada no México, 1948. Terceiro volume. Palavra Chinesa. Página 326, 2ª coluna.

E em outro trecho —referindo-se aos mesmos judeus clandestinos— diz que os da Espanha consideravam que **“a rainha Ester, que não confessou nem sua raça nem seu nascimento, parecia ser seu próprio modelo”**[5].

Nesse sentido, é necessário lembrar que o Livro da Bíblia de Ester, cujo estudo é obrigatório para todos os israelitas, elogia uma jovem judia que fingiu ser persa e ocultou seu nascimento, lealdade e religião israelita, chegando a se tornar imperatriz da Pérsia e a ter êxito na nomeação de um de seus parentes judeus como Primeiro-Ministro do Império Persa, colocando assim a Pérsia sob domínio judaico e eliminando qualquer persa que se opusesse à dominação israelita.

O fato de que os judeus clandestinos, como confessa o documento judaico autorizado anterior, tenham mencionado a rainha Ester como seu modelo mostra que a razão principal para o ocultamento do judaísmo tem sido conseguir a infiltração total no país em cujo território vivem os judeus, para alcançar o que a rainha Ester alcançou pelos mesmos meios: a dominação das nações em que funcionam as seitas do marranismo ou do judaísmo clandestino.

Na China, como em outros países do mundo, os judeus clandestinos —como confessam as fontes autorizadas mencionadas— obtiveram altos cargos como mandarins, magistrados e chefes do exército chinês.

O líder judeu Israel Joseph Benjamin II, escrevendo no final do século passado, descreve a situação dos judeus tártaros que viviam na Sibéria, afirmando que foi informado de que **“se estabeleceram na Grande Tártaria, onde vivem em liberdade e em melhor acordo com os nativos. Os líderes foram escolhidos igualmente entre os judeus e os tártaros, e ambos compartilhavam os perigos da guerra, mas os judeus não se casaram com os tártaros e aderiram estritamente ao seu próprio culto religioso. Vale a pena observar que eles pensam ser descendentes da tribo de Rúben”**[6].

---

5 “Enciclopédia Judaica Castelhana”23. México, 1948. 4º volume. Verbete: Espanha

6 Israel Joseph Benjamin II. Obra citada. Edição citada. Página 218.

Apesar de tal descendência, os judeus tártaros têm um tipo tártaros que lhes permite viver sem se identificar entre a população, como no caso dos judeus chineses, hindus e negros, etc. Mas, ao menos desde o século passado, praticaram discriminação racial contra seus cordiais e amáveis anfitriões, recusando-se a casar com eles, acreditando em sua própria descendência da tribo de Rúben. Por outro lado, vale notar que a cordial recepção que receberam dos tártaros, e a liberdade que lhes foi concedida pelos tártaros, foi paga pelos judeus soviéticos com grandes massacres dos desafortunados tártaros e a subjugação do restante à escravidão comunista. Esta é outra prova da ingratidão hebraica para com aqueles que lhes oferecem amizade.

S. M. Perlmann, o historiador judeu, menciona que uma das tribos tártaras adotou reis judeus de um grupo de imigrantes procedentes da Média e da Pérsia, descendentes das tribos de Simeão, Efraim e Manassés. Também afirma que esses israelitas imigrantes se tornaram ferozes nômades e grandes guerreiros na Tártaria[7].

Estes judeus tártaros são atualmente os *bulldogs* do regime judeu soviético na Sibéria, e é bem sabido que há muitos oficiais judeu-tártaros no Exército Vermelho, já que os judeus chineses e tártaros diferem dos de outras nações por possuírem grandes talentos militares.

Estes judeus chineses milenares, que têm aparência racial chinesa, costumes práticos chineses e usam nomes chineses, têm sido conhecidos pelo judaísmo mundial, até os dias de hoje, como judeus chineses Tiao-Kiu-Kiaou. O líder da elite israelita, o rabino Jacob S. Raisin, falando sobre a origem da palavra Tiao-Kiu-Kiaou, diz o seguinte: **“Alguns comentaristas medievais afirmam que, quando Isaías (o profeta da Bíblia) previu a restauração da ‘terra de Sinim’ pelos judeus, tinha em mente aqueles que viajaram dez mil milhas desde o Jordão, através do Cáucaso, Turquestão e Tibete, até o rio Amarelo, na China. Sem dúvida, há indícios de que séculos antes da era cristã os judeus mantinham relações comerciais com os ‘homens da seda’ (ou seja, os**

7 S. M. Perlmann. “A História dos Judeus na China”. Edição citada. Páginas 29 e 30.

chineses), que os chamavam Tiao-Kiu-Kiaou, isto é, os que cortam o tendão (em referência à cerimônia judaica mencionada em Gênesis 32-33). Provavelmente o judaísmo foi praticado ali pelos judeus radanitas, que iam por mar ou em caravanas, através da rota Samarcanda-Khotan, para trocar produtos da África e da Europa por papel, vidro, tecidos finos e seda, que naquela época só eram produzidos na China. Eles aumentaram constantemente em número na China, produzindo pessoas sábias e cultas"[8].

Em geral, todos os historiadores judeus que falam dos milenares israelitas chineses coincidem em afirmar que a origem do nome que lhes é dado (Tiao-Kiu-Kiaou) provém da prática do rito antes mencionado na Bíblia para o ritual de assassinato, e este era o nome dado na China aos membros de uma fração que (como veremos mais adiante) praticava o judaísmo de forma aberta. A *Enciclopedia Judía Castellana* afirma que esta referência ao massacre ritual **"revela a data pré-rabínica de sua entrada no país"**[9] ou, em outras palavras, que os judeus chineses chegaram pela primeira vez à China há mais de mil e oitocentos anos.

Os leitores podem consultar a tradução de Murray das viagens de Marco Polo com relação à influência política e comercial dos judeus chineses em 1286[10].

Por outro lado, a *Enciclopedia Judía Castellana* afirma o seguinte, a respeito dos judeus públicos: **"Mesmo frequentemente confundidos com os muçulmanos, são mencionados nos Anais Chineses pela primeira vez no *Yuen Shi* de 1329, por causa de uma lei sobre impostos aos heterodoxos, e novamente em 1354, quando, em consequência de várias revoltas, ricos maometanos e hebreus foram chamados a Pequim para servir no exército. Em ambas as ocasiões os judeus são chamados (no *Yuen Shi*) Dju-Hudu, talvez uma deformação de Yehudim"**[11].

---

8 Rabino Jacob S. Raisin. "Reações dos Gentios aos Ideais Judaicos"24. Edição de Nova York, 1953, página 417.
9 Enciclopédia Judaica Castelhana. Edição citada. Terceiro volume. Verbete: China. Página 325, 2ª coluna.
10 Viagens de Marco Polo25. Traduzido e editado por Murray. Página 99.
11 Enciclopédia Judaica Castelhana. Edição citada. 3º volume. Verbete: China. Página 325, 2ª coluna.

Além das comunidades de judeus clandestinos espalhadas por toda a China, às quais já se fez referência, existe outra comunidade israelita na cidade de Kol-Funq-Foo, antiga capital da província de Ho-nan, que funciona de maneira mais ou menos pública há vários séculos; as primeiras referências a esse grupo foram feitas pelos missionários jesuítas, em particular pelo padre Matteo Ricci, em relatórios enviados à Europa no século XVII.

As enciclopédias judaicas e outros livros produzidos pelos judeus para os gentios fornecem, como disse antes, muitas informações sobre o judaísmo no que diz respeito àquilo que os imperialistas judeus permitem que os gentios conheçam, mas ocultam, minimizam e até desorientam o leitor gentil quanto aos assuntos que o judaísmo considera SEGREDOS POLÍTICOS que DEVEM PERMANECER OCULTOS dos leitores gentios. É por isso que não é estranho que tais enciclopédias e livros, ao tratarem do antiquíssimo judaísmo chinês, em geral falem apenas das comunidades que atuaram publicamente, principalmente as da cidade de Kai-Fung-Foo. Sobre essa comunidade fornecem muitas informações muito interessantes, dizendo que floresceu em outros tempos, mas que hoje se encontra em penosa decadência. A *Enciclopedia Judía*, além de mencionar a comunidade de Kal-Fung-Foo, também afirma que os missionários católicos do século XVII encontraram outras comunidades israelitas públicas em Hangchao-Foo e EM OUTROS POVOADOS CHINESES, sem dizer expressamente quantas delas encontraram[12]. A Enciclopedia acrescenta que a atenção dos historiadores israelitas concentrou-se principalmente na comunidade de Kai-Fung-Foo, e não nas outras, devido às relíquias arqueológicas encontradas em uma antiga sinagoga, compostas por placas de mármore gravadas em língua chinesa, que ajudam a esclarecer vários aspectos desconhecidos da história do judaísmo chinês. Essas placas de mármore estão datadas de 1489, 1512 e 1663, respectivamente. A de 1489, referindo-se à imigração judaica, diz: **“Setenta famílias vieram do Ocidente oferecendo ao imperador**

12 Enciclopédia Judaica26, publicada em Nova York e Londres, 1903, edição IV volume, verbete: China, pág. 34, 1ª coluna.

tributos de roupas de algodão; ele lhes permitiu estabelecer-se em Peen-Lang, isto é, Kai-Fung-Foo. Em 1163, a sinagoga foi construída por um certo Yen-too-la, e em 1279 foi reconstruída em grande escala. Em 1390, Tai-tsou, fundador da dinastia Ming, concedeu a esses judeus terras e privilégios adicionais. Em 1421, o imperador permitiu que um médico judeu, muito honrado por ele, reparasse a sinagoga" … A *Enciclopedia Judía* fornece mais informações sobre os gravados encontrados nesses monumentos arqueológicos, que não podem ser detalhados aqui devido à brevidade deste trabalho. Entre eles, porém, há um gravado que menciona os judeus chineses e diz: **"Destacam-se na agricultura, no comércio, nos cargos públicos (magistratura) e na arte da guerra** (exército)".

Pode-se ver que os judeus chineses se destacaram no comércio, como os judeus o fizeram em outros países, e alcançaram posições de liderança no governo, como os judeus o fizeram nas nações gentílicas, mas parece ser uma característica especial do judaísmo chinês, como afirmaram muitos historiadores israelitas —e como também confirmam esses monumentos arqueológicos—, que os judeus chineses Tiao-Kiu-Kiaou eram especialistas em agricultura, o que lhes permitiu infiltrar-se entre os camponeses, assim como suas grandes aptidões militares também lhes permitiram infiltrar-se no exército, criando uma quinta coluna do imperialismo israelita infiltrada em todos os níveis da China. Isto, sem dúvida, deve constituir um grave perigo para a China Popular maoísta, se não for descoberto e extirpado, pois tanto os judeus chineses públicos ou ocultos quanto todos os israelitas do mundo são, na realidade, membros de uma nação estrangeira e agentes de um super-imperialismo milenar. Assim, sua cumplicidade com seus irmãos judeus do Kremlin, na luta para transformar a China Popular em um satélite da União Soviética, ocorre da mesma forma que nos Estados socialistas satélites da Europa Oriental, excetuando-se a Albânia e a Romênia.

O gravado realizado por esse mandarim faz referência à queda da cidade de Kai-Fung-Foo durante aquela revolta e à destruição da sinagoga

israelita e ao massacre de vários judeus pelos rebeldes em 1642. Os gravados dizem que os judeus haviam sido protegidos pelos imperadores Ming e tinham obtido cargos no governo. Também dizem que, em meio a esse desastre, surgiu um mandarim chinês judeu liderando um exército, e que esse mandarim judeu resgatou os Escritos Sagrados (a Bíblia) que haviam sido lançados à água pelos rebeldes, reconstruiu a cidade de Koi-Funq-Foo, e que esse mandarim e seu irmão reconstruíram a sinagoga israelita em 1663. Esse mandarim chinês judeu tinha —como os israelitas Tiao-Kiu-Kiaou, públicos ou clandestinos— um nome tipicamente chinês. Chamava-se Chao-Yng-Cheng[13].

Esses gravados, que constituem um monumento histórico de incontestável valor documental, mostram a grande influência política e militar que os judeus tinham na China no século XVII. Não apenas ocupavam altos cargos no Governo Imperial, como também tinham sob seu comando exércitos chineses.

13 Enciclopédia Judaica. Edição citada 4º volume. Verbete: China. Página 34, 2ª coluna.

JUDEUS CHINESES TIAO-KIU-KIAOU

De Kai-Fung-Foo, na província de Honan, na China. Fotografia publicada no início deste século, retirada da monumental obra oficial judaica intitulada “Jewish Encyclopedia”. Publicada em Nova York e Londres, edição de 1903. Quarto volume, verbete: China, pág. 36.

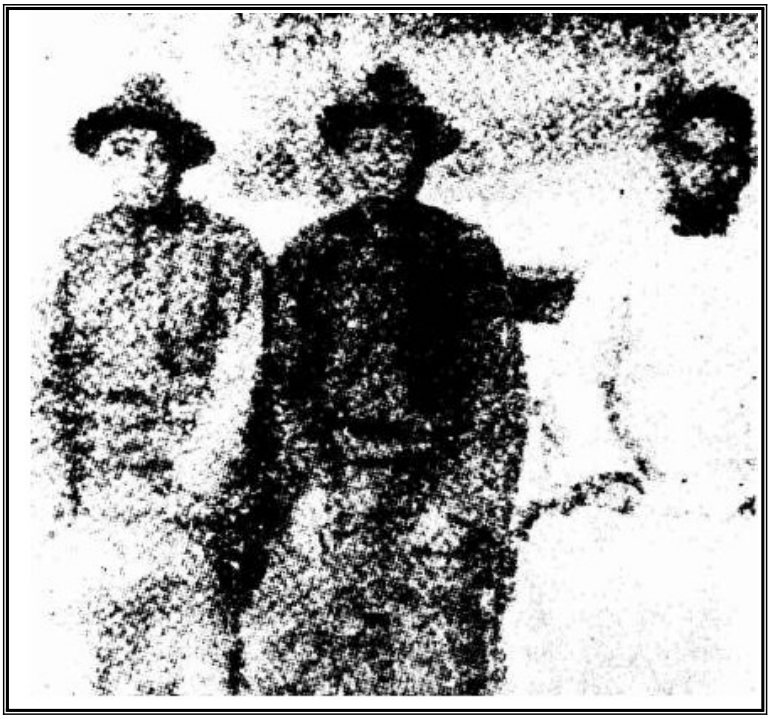
A *Enciclopedia Judía* afirma que o judeu Chao-Yng-Cheng era mandarim da província de Chen-Si[14], isto é, era o governador dessa província —clara evidência da infiltração judaica nos mais altos cargos do governo chinês.

A Enciclopedia Judía, referindo-se aos judeus chineses de Kai-Fung-Foo, também afirma que muitos deles: **“emigraram —durante a guerra entre chineses e tártaros— para Kiang-su, Arnoy e Pequim; porém não têm sinagogas nesses lugares, e que alguns judeus com proteção inglesa foram para Xangai e Hong Kong, onde praticaram o tráfico de ópio e algodão”[15]**. Esta informação fornecida pela *Enciclopedia Judía*, documento judeu de valor incontestável, permite-nos ver que o tráfico de

14 Enciclopédia Judaica. Edição citada. 3º volume. Verbete: Chao-Yng-Cheng. Página 665, 2ª coluna.
15 Enciclopédia Judaica. Edição citada. Quarto volume. Verbete: China: Pág. 36, 1ª coluna.

ópio, que levou à criminosa guerra travada pelo governo britânico contra a China, não beneficiou apenas os judeus britânicos e indianos, mas também os judeus chineses Tiao-Kiu-Kiaou, que igualmente participaram do tráfico de ópio em Xangai e Hong Kong sob a proteção do governo britânico, que, como todos sabemos, já era um satélite sob o controle do super-imperialismo judaico.

Sob o controle judaico, o governo britânico chegou inclusive a enviar, traindo os ideais da democracia, o seu próprio povo para lutar e morrer a fim de proteger e expandir o comércio judaico de ópio, para que os judeus pudessem obter lucros envenenando o povo chinês, e os judeus chineses participaram desse comércio às custas de seus anfitriões chineses. Como os judeus indianos e outras comunidades israelitas do mundo afro-asiático estavam um pouco atrasados em relação ao judaísmo ocidental no que diz respeito ao progresso de suas instituições religiosas e políticas internas, o judaísmo ocidental, durante o século XIX, iniciou um programa para adaptar as sociedades judaicas secretas da África, do Leste e do Sul da Ásia aos avanços do judaísmo europeu e americano, não apenas no que se refere às mudanças na vida religiosa e social judaica e em suas instituições, mas também no que diz respeito às novas técnicas de infiltração e controle político sobre as nações gentílicas, inclusive as técnicas revolucionárias destinadas a acelerar sua dominação.



JUDEUS CHINESES
Foto publicada em 1950 pelo "Jewish Encyclopedic Handbook" de Link. Publicado pela Israel Editorial de Buenos Aires, Argentina. 1950, ano judaico 5710. Página 97, 2ª coluna. Palavra: China.

O potencial revolucionário das comunidades israelitas afro-asiáticas começou a desenvolver-se progressivamente durante o século XIX, à medida que o judaísmo ocidental enviava líderes experientes para capacitá-las em todos os aspectos em que estavam atrasadas em relação ao judaísmo ocidental. Quanto ao judaísmo chinês e à comunidade de Kai-Fung-Foo, a *Enciclopedia Judía* informa que os judeus ocidentais formaram uma organização especial chamada *"Sociedade para o Resgate dos Judeus Chineses"*, cuja tarefa era o renascimento da religião israelita entre esses judeus chineses[16], que, como estudamos anteriormente, é o principal gerador do imperialismo israelita na China. A *Enciclopedia Judía* acrescenta que os judeus de Xangai cooperaram com essa sociedade.

Além dos milenares judeus chineses Tiao-Kiu-Kiaou — tanto os clandestinos espalhados por toda a China quanto os de Kai-Fung-Foo, que praticavam abertamente o judaísmo e que também emigraram, como afirma o já mencionado livro judaico, para diferentes regiões da China — essa grande nação recebeu outras imigrações israelitas, que mencionaremos apenas brevemente devido à limitação de espaço.

16 Enciclopédia Judaica. Edição citada. Volume IV. Verbete: China. Página 36, 1ª coluna.

O orientalista Chavennes fala de outra colônia judaica estabelecida na China entre 960 e 1126, composta por judeus provenientes da Índia. O historiador israelita Elkan Nathan Adler também menciona outra penetração judaica na China, procedente de Bukhara, através da Pérsia, no século XVI[17]. Os primeiros imigrantes, segundo a *Enciclopédia Judaica Castelhana*, **"se estabeleceram em várias regiões chinesas".**

Desde 1840, a China passou a experimentar novas migrações de judeus provenientes de diferentes países, principalmente europeus. Segundo a Enciclopédia Judaica Castelhana, a abertura dos chamados "Portos do Tratado", em 1840, atraiu para a China vários judeus ingleses provenientes de Hong Kong e da Índia. Em 1850, Elias David Sassoon, um rico comerciante judeu estabelecido em Bombaim (Índia), fundou uma filial de sua empresa em Xangai. Nascido em Bagdá, seu pai havia sido tesoureiro e banqueiro do governo turco nessa cidade. Referindo-se a Elias David Sassoon, a Enciclopédia Judaica Castelhana afirma que "se especializou no comércio do ópio, entre outras coisas" e que, quando estabeleceu sua filial em Xangai, foram atrás dele os Kadoorie, grandes capitalistas judeus de Bagdá, e suas grandes empresas — os Sassoon e os Kadoorie — construíram uma sinagoga em Xangai, fundando uma nova comunidade israelita que, até 1905, foi principalmente sefaradita. Assim, essa nova comunidade judaica teve a "honra" de ser fundada pela empresa de um grande traficante internacional de ópio judeu, cujo filho, tão milionário quanto ele, usava o nome muçulmano de Abdula quando estava em Bagdá e o nome cristão de Albert quando se encontrava em Londres. Seu nome judeu, o verdadeiro, era sempre David. Sobre esse grande capitalista internacional, a Enciclopédia Judaica Castelhana diz: **"Sassoon Albert (Abdula, David), empresário industrial, banqueiro e filantropo. Nascido em Bagdá em 1817, morreu em Brighton, Inglaterra, em 1897. Filho mais velho de David Sassoon e chefe das empresas comerciais e industriais da família. Fundou uma das maiores fábricas têxteis de Bombaim (Índia), doou uma grande represa moderna à cidade e criou várias escolas. Foi membro do Conselho Legislativo de 1867 a 1871 e uma das pessoas mais destacadas da sociedade de Bombaim. Em 1889, juntamente com o xá da Pérsia, frequentou a corte dos reis da Inglaterra, sendo sua audiência um dos acontecimentos da capital inglesa. Foi declarado nobre em 1872."** Os

17 Chavennes e Elkan N. Adler, citados pela Enciclopédia Judaica Castelhana, edição citada, 3º volume. Verbete: China. Página 325, 2ª coluna.

judeus frequentemente receberam títulos de nobreza na Inglaterra, especialmente desde o longo reinado da rainha Vitória, a tal ponto que pesquisadores afirmam ter demonstrado que a maioria dos títulos de conde, marquês, visconde e lorde está atualmente nas mãos de famílias judias enobrecidas ou de antigas famílias aristocráticas inglesas ligadas a famílias judias.

Os ducados foram judaizados por meio de casamentos entre judias e antigos duques, e essas judias, com a ajuda das poderosas comunidades israelitas, iniciaram secretamente no judaísmo o filho mais velho desse matrimônio, isto é, o novo duque. Não é estranho, portanto, que o judaísmo internacional não tenha pressa em derrubar a monarquia inglesa, controlada pelo imperialismo israelita.

A Guerra Russo-Japonesa e as perseguições que ela provocou contra os judeus, a fracassada revolta comunista na Rússia em 1905, que o governo imperial russo atribuiu justamente aos israelitas, tiveram como consequência a chegada à China de judeus russos fugitivos. Em 1917, os judeus russos que chegaram a Harbin e Mukden, na Manchúria, foram hostilizados pelos russos brancos, que acusaram os judeus russos no país de serem os responsáveis pela origem do Terror Vermelho na Rússia.

Quando ocorreu a invasão japonesa da China em 1931, muitos judeus russos residentes no país, que fugiam dos japoneses (que os acusavam de serem comunistas), viram-se obrigados a se transferir para Tientsin, Hankow e Xangai, onde foram reforçados por novas imigrações de judeus poloneses e romenos. Em 1928, uma comunidade israelita de judeus asquenazes uniu-se à comunidade sefardita, sob os auspícios da loja, recém-formada em Xangai, da ordem secreta da maçonaria judaica mundial chamada B’nai B’rith, que assim começava a estender seus tentáculos na China.

Convém recordar que o autogoverno de que desfrutam as comunidades israelitas em todo o mundo, bem como as ambições de seus líderes de controlar o poder econômico e político, por vezes provocam profundas rivalidades entre diferentes comunidades judaicas; algumas delas permanecem em segredo entre os judeus, mas outras se difundem

escandalosamente para o exterior. Um dos objetivos secretos pelos quais foi criada a supermaçonaria judaica, a B'nai B'rith, foi conciliar rivalidades e desacordos e promover a harmonia e a reunificação, infiltrando-se entre as diversas comunidades judaicas que possuem ritos diferentes. A B'nai B'rith alcançou esse objetivo de unificação das comunidades judaicas asquenazes e sefarditas de Xangai.

Uma nova imigração judaica para a China começou em 1933; os israelitas fugiram da Alemanha e da Áustria, perseguidos pelos nazistas. Segundo a Enciclopédia Judaica Castelhana, esses novos imigrantes judeus de origem alemã obtiveram cargos na administração da República da China. Entre eles estava o distinto israelita Dr. Bernhard Weiss, que havia sido vice-presidente da Polícia em Berlim e foi encarregado da reorganização da polícia chinesa pelo governo de Chiang Kai-shek.

A Enciclopédia Judaica Castelhana acrescenta: **"Muitos oficiais alemães de origem judaica alistaram-se no exército de Chiang Kai-shek. Miriam Kames, que morreu durante o bombardeio de Nanquim, fundou um famoso batalhão de mulheres chinesas. O general Moshe Cohen ajudou a organizar o abastecimento de alimentos, armas e equipamentos das forças armadas. Outros refugiados (judeus) serviram nas fileiras nacionalistas como médicos e enfermeiros. Mas a grande quantidade de judeus alemães chegou à China somente após o ano lúgubre de 1938, que trouxe os grandes massacres do Reich, a anexação da Áustria e dos Sudetos."**

Em 1940, a B'nai B'rith na China era dirigida por um judeu inglês chamado Mendel Brown[18].

Os judeus também utilizaram suas mulheres na China para atrair grandes líderes, seguindo as regras fixadas no já mencionado Livro de Ester da Bíblia, que conta como a judia Ester, ocultando sua origem e sua religião israelita, seduziu o imperador persa, fazendo com que ele se apaixonasse por ela e se casasse com ela, tornando-se assim imperatriz da

18 Enciclopédia Judaica Castelhana. Edição citada. Verbete: China.

Pérsia. A partir dessa posição, ela tramou a nomeação de seu tio como primeiro-ministro.

Na China, a família Song, dos judeus Tiao-Kiu-Kiaou, obteve grandes êxitos neste século pelos mesmos meios. Uma das irmãs Song casou-se com o Dr. Sun Yat-sen, o homem que derrubou a antiga monarquia chinesa e fundou a República, tornando-se o primeiro presidente. Outra irmã casou-se com o marechal Chiang Kai-shek, presidente da China nacionalista. A viúva do Dr. Sun Yat-sen tornou-se membro do Partido da China Popular maoísta, onde vive atualmente e onde, com o prestígio de ser a viúva do herói nacional, pode sem dúvida ajudar os planos do judaísmo internacional, assegurando que um judeu clandestino Tiao-Kiu-Kiaou, ou ao menos um chinês gentio facilmente manipulável pelos judeus, suceda ao presidente Mao Tse-tung quando este morrer. Se esse objetivo puder ser alcançado, os imperialistas racistas judeus tomariam o poder na China Popular e subjugariam essa nação ao seu jugo, reconciliando a China com a União Soviética e colocando-a em vassalagem à União Soviética — como projeta o judaísmo internacional. Até agora, os judeus do Kremlin fracassaram em suas tentativas de derrubar o chefe Mao Tse-tung, mas continuam buscando, por meio de uma revolução interna, substituir seu regime por outro que transforme a China em um satélite da União Soviética.

Em seu empenho por dominar a China, os socialistas judeus imperialistas de Moscou planejaram inclusive (caso outros recursos falhem) uma invasão militar do território chinês, semelhante às invasões da Hungria e da Checoslováquia. Mas, para realizá-la sem grave perigo, precisam assegurar suas fronteiras ocidentais por meio de acordos com a Alemanha Federal e as demais potências europeias, eliminando assim toda possibilidade de uma guerra em dois fronts.

Assim, poderiam retirar muitos dos exércitos que mantêm nas fronteiras europeias e concentrar toda a sua força militar contra a China maoísta, para cercá-la com um cinturão de ferro com a ajuda do governo indiano controlado pelo judaísmo e de outros que pretendem alinhar.

(Citação do editor: favor consultar o folheto nº 9 da série Segredos Políticos, intitulado: “A Quinta Coluna Judaica na Índia”. Os leitores poderão encontrar informações sobre como o criptojudaísmo hindu controla esse país).

É urgente que os patriotas alemães e outros europeus ocidentais não caiam nessa armadilha soviética, encoberta pelo engodo da obtenção da paz e da segurança na Europa. Se os judeus do Kremlin conseguirem invadir a China e dominá-la, voltar-se-ão contra a Europa Ocidental, a qual de outro modo não teriam ousado invadir antes de conseguir liquidar o regime de Mao Tse-tung, entre outras razões, e substituí-lo por outro controlado pelo Kremlin e pelo judaísmo mundial. Os patriotas alemães devem estar mais conscientes do que ninguém, porque o judeu-comunista secreto Willy Brandt está decidido a ajudar seus irmãos judeus do Kremlin nesses propósitos falsamente pacíficos, cujo único objetivo real é deixar o Kremlin livre para invadir (se assim julgarem necessário) a China continental, para os fins anteriormente mencionados.

No caso de uma invasão bem-sucedida da China por parte da União Soviética, o plano soviético seria manter tropas de ocupação na China por um período de tempo indefinido, sob o pretexto de defender o socialismo, como fez em vários países da Europa Oriental. A razão verdadeira e oculta seria que o imperialismo judeu estaria convencido de que os judeus chineses clandestinos Tiao-Kiu-Kiaou são pouco numerosos[19], em proporção à grande população da China, para poder dominar o país por

19 Todos os especialistas em Judaísmo Chinês concordam que os judeus Tiao-Kiu-Kiaou na China são poucos, variando as opiniões desde aqueles que afirmam serem mais de dois milhões, até escritores judeus que reduzem seu número ao mínimo. Isto não é estranho, pois como dissemos antes, é um costume antigo e geral dos judeus ocultar o número real de judeus em um país e, por suposto, de judeus clandestinos. Mas ainda supondo que fossem mais de dois milhões, sua proporção com a população chinesa de setecentos milhões de habitantes seria de apenas três judeus por cada mil, o que seria uma porcentagem muito pequena comparada com a dos judeus na União Soviética. Em qualquer caso, o fato de os judeus ocultarem sempre dos gentios a quantidade real de judeus em uma nação gentia, especialmente a quantidade de judeus clandestinos, nos impede de assegurar que os judeus chineses clandestinos, Tiao-Kiu-Kiaou e outras seitas, totalizem 2 milhões de pessoas no máximo. O número pode ser maior ou menor. Só uma investigação utilizando os meios adequados para averiguar a verdade permitiria a localização total dos judeus e conhecer o número real desta quinta coluna na China de um imperialismo estrangeiro, conquistador de nações, que atua através de sociedades superssecretas de judeus clandestinos, que como membros do país invadido, são infiltrados em todas as instituições políticas, militares, culturais, religiosas e sociais, até que tomem o controle dos governnos por explorar as ambições pessoais de poder e os ressentimentos pessoais; semeando ideias falsas para promover a discórdia, a divisão interna e a rebelião; e também efetuando espionagem e sabotagem em benefício de potências estrangeiras quando isto é conveniente aos planos do Judaísmo internacional para dominar o mundo.

completo. Portanto, necessitariam do apoio das tropas soviéticas, como ocorre naqueles países da Europa Oriental cuja população judaica foi tão dizimada pelos nazistas que os judeus seriam poucos demais para manter o poder sem a ajuda das tropas soviéticas.

O judaísmo projeta controlar todo tipo de governos — monárquicos, democráticos ou comunistas —, mas é uma tragédia inaceitável para a nação judaica (que utiliza o comunismo para impor sua dominação totalitária à humanidade) que os Estados socialistas ou comunistas caiam e sobrevivam nas mãos de governantes gentios, e não descansará até ter derrubado todos os governos gentios, inclusive aqueles que são socialistas ou comunistas, sejam os existentes agora ou os que possam surgir no futuro, para substituí-los por governos controlados pelo imperialismo insaciável do judaísmo internacional.

A União Soviética é o baluarte mais forte do judaísmo no campo comunista, devido à alta proporção de judeus entre as populações russa, ucraniana e outras da União Soviética. Milhões de judeus soviéticos controlam o Partido, o Exército, a polícia secreta e os demais órgãos repressivos, mantendo o poder por si mesmos, sem necessidade de ajuda estrangeira. Tão completo é o poder na União Soviética que é possível que ajudem a sustentar seus irmãos israelitas no governo de outros países comunistas onde não conseguem fazê-lo sozinhos. É interessante notar que, em todas as nações em que a porcentagem de elites israelitas é pequena em relação à população genuína desses países, há uma alta taxa de casamentos mistos entre judeus públicos e os membros reais dessas nações. Essa questão é muito importante, porque, nesses casos, os imperialistas israelitas procuram, por diferentes meios, aumentar o número de judeus nesses países para facilitar sua conquista e depois manter o controle por suas próprias forças. Assim, os judeus aumentam a população israelita em um país ao promover casamentos mistos entre judias e nativos do país que pretendem conquistar.

De acordo com as leis judaicas, o princípio é que os casamentos mistos entre judeus e gentios são proibidos; porém, essas leis prescrevem

certas exceções, pelas quais os casamentos mistos podem ser autorizados pelo Grande Kahal ou pelo Conselho Supremo Regional, a fim de obter posições políticas, cargos importantes de espionagem ou posições de influência econômica ou social. Tais exceções incluem os muitos casos em que judias se casaram com reis, nobres, presidentes de repúblicas e outros altos líderes gentios, ou se casaram com proprietários de grandes empresas, jornais e outras instituições que o judaísmo deseja controlar.

Em geral, o casamento de mulheres israelitas com homens gentios é autorizado porque a milenar lei judaica da “Hagadá” indica que o judaísmo só pode ser transmitido aos filhos de um casamento misto por meio da mãe, isto é, quando a mãe é judia. Contudo, essa lei “Hagadá” ortodoxa foi adotada por muitas comunidades israelitas; os reformistas, entre outros, também aceitam como judeus os filhos de pai judeu e mãe gentia. O fato de isso ter causado uma controvérsia entre os inovadores e as seitas judaicas mais ortodoxas não invalida o fato de que as comunidades judaicas que aceitam os filhos de pai judeu e mãe gentia continuam sendo israelitas leais e consideram as crianças como israelitas, introduzindo-as, quando completam 13 anos, nas organizações secretas dos mandatos totalitários das Fraternidades Sinagogais, que existem entre as comunidades israelitas dos diferentes países do mundo para os judeus mestiços de sangue “manchado”, e que são dirigidas e controladas por aqueles reconhecidos como de sangue puro (embora esse reconhecimento nem sempre corresponda a uma realidade estrita). Dessa forma, os descendentes de casamentos mistos entre judeus e gentios são efetivamente organizados e controlados pelo imperialismo israelita e estão totalmente a seu serviço.

Deve ser enfatizado que, quando o Kahal ou Conselho Regional Judaico autoriza um casamento misto de um judeu ou judia com um gentio, fazem com que o indivíduo jure, sob severas penas, que fará tudo o que estiver ao seu alcance para que os filhos sejam introduzidos, aos 13 anos de idade ou mais tarde, na comunidade de Israel, de maneira secreta, para que o cônjuge gentio não perceba essa introdução. Se o pai ou a mãe

judeus desconsiderarem esse juramento, além das penas que lhes são aplicadas, o Kahal local e regional busca a ajuda de outros parentes judeus para assegurar que os filhos desses casamentos mistos possam ser preparados e introduzidos no judaísmo e prestar o juramento secreto de obediência aos líderes, em uma cerimônia oculta com ritos impressionantes.

Os nazistas, ao tratar o problema judaico principalmente como um problema racial, cometeram um grave erro ao considerar alemães os descendentes de três avós alemães e apenas um avô judeu.

É evidente que, de um ponto de vista racial superficial, tais crianças eram predominantemente alemãs, mas o problema judaico não é apenas racial, e sim algo muito mais complexo, como o leitor pôde constatar; de fato, como afirmou o Tribunal da Santa Inquisição, bastava ter uma única avó judia, ou mesmo uma única bisavó judia, ou até uma única trisavó, para que o descendente pudesse ser admitido nas sociedades secretas judaicas. E tudo isso pelas razões que acabamos de mencionar.

Por isso se justificavam as leis vigentes na Europa inquisitorial e, mais tarde, na Espanha e em Portugal, que consideravam “novos cristãos” — e, portanto, suspeitos de judaísmo — todos aqueles que, dois ou mais séculos antes, tivessem um único antepassado judeu, e excluíam essas pessoas de cargos no governo, no exército e na Igreja, mesmo quando não houvesse provas suficientes (difíceis de obter) de que praticassem o judaísmo em segredo. Essa legislação permaneceu em vigor até a supressão do regime inquisitorial.

OS JUDEUS CHINESES NA CERIMÔNIA DE LEITURA DA TORÁ

As sociedades secretas judaicas, chamadas Fraternidades Sinagogais, reúnem-se pelo menos uma vez por semana, nas noites de sexta-feira, mas, em caso de emergência, em qualquer outro dia, para ler solenemente e comentar uma parte da Torá, os cinco primeiros livros da Bíblia, e os livros bíblicos dos Profetas, onde, segundo a crença judaica, encontram-se as promessas que Deus fez aos israelitas para dominar as nações onde se estabelecem e o mundo em geral. Após essa leitura e comentário cerimonial, os membros da Fraternidade secreta informam à Assembleia o que fizeram para dominar os setores político, militar, econômico, social, religioso etc., cujo controle foi confiado à Fraternidade pelo Conselho Supremo Judaico Local. Também planejam as formas de alcançar os cargos dirigentes, e conspiram e manobram para eliminar os gentios que ocupam tais cargos.

Durante a Inquisição e o período da perseguição nazista, membros das Fraternidades judaicas clandestinas infiltraram-se nesses regimes,

tomando medidas hábeis para evitar que suas reuniões e operações fossem descobertas, pois o judaísmo possui experiência secular nesse tipo de atuação. Esta foto mostra que o judaísmo está ativo na China em sua tarefa de conquista. Foto retirada da Enciclopédia Judaica Castelhana. Edição citada. 3º volume. Verbete: China, página 325, primeira coluna.

Na China, como em outros países, comunidades de asquenazitas, sefarditas, árabes, indianos, russos, alemães, romenos e outros judeus autorizaram, desde sua chegada à China, casamentos mistos com gentios chineses; desses casamentos nasceram crianças com traços parcialmente chineses, que, ao se casarem com outros gentios do país, tiveram filhos com aparência mais chinesa do que judaica. Posteriormente, os casamentos mistos teriam aumentado o número de israelitas quinta-colunistas, cuja aparência racial é chinesa, mas que em segredo seriam membros da nação de Israel, aumentando dessa forma a quinta coluna israelita clandestina. Embora se considere que a população chinesa resultante desses casamentos mistos ainda possa ser pequena, seria uma investigação importante calcular o número de judeus clandestinos na China.

O que foi dito antes sobre os judeus clandestinos Tiao-Kiu-Kiaou também é válido para a Manchúria; porém, com relação a essa vasta região chinesa, serão fornecidas informações adicionais sobre os judeus públicos, isto é, os judeus que admitem abertamente sua identidade.

A *Enciclopedia Judía Castellana* faz, entre outras, a seguinte afirmação: **“A construção da Ferrovia Transiberiana trouxe (à Manchúria) uma certa quantidade de comerciantes judeus, que fundaram uma comunidade judaica em Harbin”**. Diz também que, após a Revolução Bolchevique, muitos judeus da União Soviética emigraram para a Manchúria e foram hostilizados pelos russos brancos, que cometeram vários assassinatos. Afirma ainda que esses novos emigrantes israelitas **“não tardaram a se incorporar à economia do país como empregados, comerciantes e industriais”**…

A hostilidade japonesa contra as empresas judaicas, quando ocuparam a Manchúria em 1931, obrigou os judeus a emigrar para o sul da China e para outros países. A Enciclopedia Judía Castellana acrescenta também que, em 1931, havia VÁRIAS SINAGOGAS em Harbin, Mukden e Dairen, bem como instituições comunitárias filantrópicas, culturais, pedagógicas, sionistas etc.

Os japoneses desconheciam os segredos do Judaísmo e tentaram erradicá-lo utilizando métodos equivocados, semelhantes aos empregados durante quase dois mil anos por outras nações do mundo. Em 1942 fecharam todas as sinagogas[20], mas não sabiam que, sempre que os governos gentios, ao longo dos séculos, recorreram a esse expediente, ele apenas serviu para obrigar os israelitas a passarem de judeus públicos, identificados como tais, a judeus clandestinos que ocultam sua adesão à nação de Israel, aparentando assimilar-se entre o povo da terra em que habitam, tornando-se, desse modo, mais perigosos.

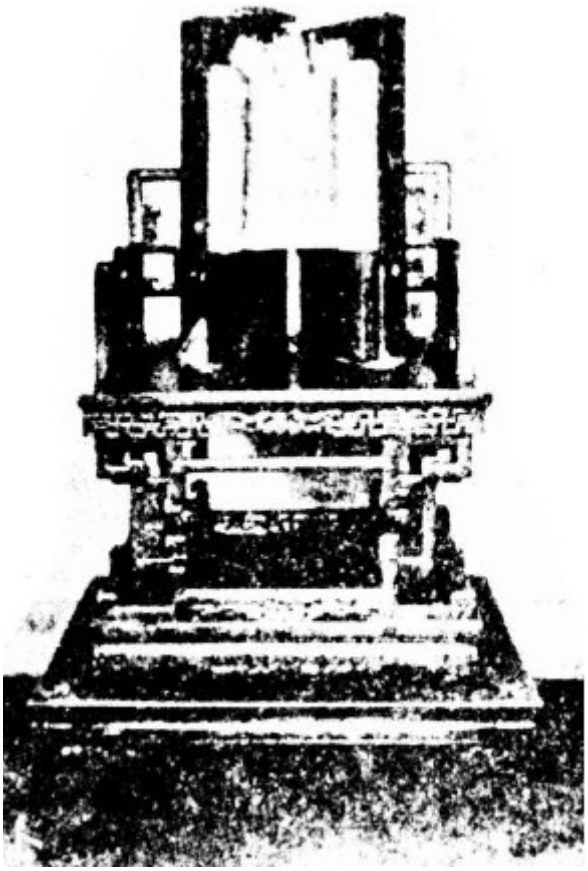
Assim, pelo erro japonês, o Judaísmo público na Manchúria afundou-se maciçamente na clandestinidade, exceto aqueles que emigraram com suas empresas para o sul da China e para outros lugares.

O fato de que, em alguns países da Europa, e especialmente nos Estados Unidos, haja judeus dirigindo organizações maoístas levou algumas pessoas a acreditarem, de forma equivocada, que o comunismo maoísta também estaria controlado pelo imperialismo judaico. No entanto, o que realmente está acontecendo é que o judaísmo mundial — imitando a tática de Karl Marx de anular a Internacional de Bakunin infiltrando-a e controlando-a com agentes israelitas — tenta fazer o mesmo com o movimento comunista internacional que Mao Tse-tung vem construindo.

Esses judeus públicos ou clandestinos, que se passam por inimigos da União Soviética e de seus partidos comunistas satélites, se infiltram e obtêm posições de liderança em organizações maoístas de diferentes países; gradualmente, conseguem o controle de muitas dessas organizações ou partidos, muitas vezes após uma luta genuína contra os partidos títeres

20 Enciclopédia Judaica Castelhana. Edição citada. 7º volume, Verbete: Manchúria. Pág. 260 1ª coluna.

de Moscou. Mas o judaísmo, como sempre, vencerá esse jogo se conseguir apoderar-se dos partidos e organizações maoístas em todo o mundo, assim como venceu ao se infiltrar no movimento internacional do revolucionário gentil Michael Bakunin.



CADEIRA CHINESA COM ROLO DE TORAH

Foto retirada da Enciclopédia Judía Castellana. Edição citada, 3º volume. Palavra: China. Página 325, primeira coluna.

Os judeus da China utilizam cadeiras muito elaboradas para ler a Torah na respectiva cerimônia sabática. No entanto, o judaísmo clandestino, especialmente em épocas de perigo, evita o uso de tais móveis em suas cerimônias e reuniões secretas, para que qualquer gentil que pudesse descobrir a reunião não perceba o que está acontecendo. Os judeus clandestinos têm séculos de experiência em ocultar suas reuniões secretas

e preparam tudo para camuflar os encontros, fazendo-os parecer inofensivos caso algum intruso gentil os descubra.

Nos tempos da Inquisição, os judeus clandestinos às vezes contavam com clérigos católicos — que eram judeus secretos — para organizar suas reuniões semanais secretas na cúria da igreja ou em outra sala da igreja católica, sob o patrocínio desses clérigos. Assim, se algum gentil descobrisse a reunião, o clérigo dizia que a reunião era composta por fiéis católicos da paróquia.

Em outros casos, eles conseguiam que judeus secretos infiltrados em guildas de artesãos obtivessem o uso de uma sala no próprio guilda. Se alguém descobrisse a reunião, o líder judeu clandestino do guilda afirmava que a reunião era para discutir algum assunto de interesse do guilda. Reuniões secretas semelhantes eram organizadas em locais de outras organizações gentis de renome.